

# Luvita Hieroglífico

Gramática e leitura

Caio Geraldes

[<caio.geraldes@usp.br>](mailto:<caio.geraldes@usp.br>)

2024





# Luvita Hieroglífico

Gramática e leitura

Caio Geraldes

[<caio.geraldes@usp.br>](mailto:caio.geraldes@usp.br)

2024





# Abreviações

## Geral

|      |   |        |                                       |
|------|---|--------|---------------------------------------|
| AEC  | antes da era comum                                | KBo    | <i>Keilschrifttexte aus Boghazköi</i> |
| C    | consoante   | KUB    | <i>Keilschriftkunden aus</i>          |
| ca.  | <i>circa</i>                                      | L.x    | Boghazköi<br>Sinal número <i>x</i>    |
| CHLI | <i>Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions</i> | PIE    | Proto-indo-europeu                    |
| CTH  | <i>Catalog der Texte der Hethiter</i>             | RlA    | <i>Reallexikon der Assyriologie</i>   |
| GrHL | <i>A Grammar of the Hittite Language</i>          | StuBoT | <i>Studien zu den Bogazköy-Texten</i> |
| hit. | hitita  | V      | vocal                                 |

## Glosas e vocabulário

|       |               |        |                          |
|-------|---------------|--------|--------------------------|
| abl.  | ablativo      | pl.    | plural                   |
| acu.  | acusativo     | prep.  | preposição               |
| adj.  | adjetivo      | pret.  | pretérito                |
| clt.  | clítico       | refl.  | pronome reflexivo        |
| com.  | gênero comum  | rel.   | pronome relativo         |
| conj. | conjunção     | sg.    | singular                 |
| dat.  | dativo        | subst. | substantivo              |
| det.  | determinativo | TO     | topônimo                 |
| gen.  | genitivo      | v.     | verbo                    |
| neut. | gênero neutro | v.t.   | v. transitivo            |
| nom.  | nominativo    | X.     | NP iniciado por <i>X</i> |
| NP    | nome próprio  | pro.   | pronome                  |



# Sumário

## Abreviações

v

## Introdução

|       |  |   |
|-------|--|---|
| 0.1   | Descobrindo o luvita . . . . .         | 1 |
| 0.2   | Quando e onde? . . . . .               | 2 |
| 0.2.1 | Datação . . . . .                      | 2 |
| 0.2.2 | Localização . . . . .                  | 5 |
| 0.3   | Parentesco linguístico . . . . .       | 7 |
| 0.4   | Recomendações bibliográficas . . . . . | 8 |

## 1 Sistema de escrita, fonologia e flexão nominal

|  |  |    |
|--|--|----|
| 1.1  | Sistema de escrita . . . . .           | 9  |
| 1.1.1                                      | Fonogramas . . . . .                   | 10 |
| 1.1.2                                      | Logogramas . . . . .                   | 13 |
| 1.1.3                                      | Recomendações bibliográficas . . . . . | 16 |
| 1.2  | Fonologia . . . . .                    | 16 |
| 1.2.1                                      | Vogais . . . . .                       | 16 |
| 1.2.2                                      | Oclusivas . . . . .                    | 17 |
| 1.2.3                                      | Nasais . . . . .                       | 18 |
| 1.2.4                                      | Recomendações bibliográficas . . . . . | 18 |
| 1.3  | Flexão nominal . . . . .               | 19 |
| 1.3.1                                      | Substantivos . . . . .                 | 19 |
| 1.3.2                                      | Adjetivos . . . . .                    | 20 |
| 1.3.3                                      | Pronomes . . . . .                     | 20 |
| Pronomes pessoais . . . . .                | 20                                     |    |
| Possessivos . . . . .                      | 21                                     |    |
| Demonstrativos . . . . .                   | 21                                     |    |
| Pronome interrogativo e relativo . . . . . | 22                                     |    |
| 1.4  | Leitura: BABYLON 3 . . . . .           | 23 |

## 2 Flexão verbal, partículas e enclíticos

|       |                                |    |
|-------|--------------------------------|----|
| 2.1   | Sistema verbal . . . . .       | 25 |
| 2.1.1 | Flexão . . . . .               | 25 |
| 2.1.2 | Quadro de conjugação . . . . . | 26 |

|                        |                                   |           |
|------------------------|-----------------------------------|-----------|
| 2.1.3                  | Morfologia derivacional . . . . . | 27        |
| 2.1.4                  | Usos . . . . .                    | 28        |
| 2.2                    | Partículas e clíticos . . . . .   | 28        |
| 2.3                    | Leitura: HAMA 2 . . . . .         | 29        |
| <b>Vocabulário</b>     |                                   | <b>35</b> |
| <b>Signário</b>        |                                   | <b>37</b> |
| <b>Leituras extras</b> |                                   | <b>39</b> |
| <b>Referências</b>     |                                   | <b>41</b> |

# **Lista de Figuras**

|     |  |    |
|-----|--|----|
| 0.1 | Inscrição BOĞAZKÖY 21 . . . . .                      | 3  |
| 0.2 | Selo de “Tarkondemos” . . . . .                      | 3  |
| 0.3 | Bula de LÍDAR . . . . .                              | 4  |
| 0.4 | Cartas de Assur . . . . .                            | 4  |
| 0.5 | Mapa das inscrições monumentais . . . . .            | 5  |
| 0.6 | Mapa da Anatólia durante a idade do bronze . . . . . | 6  |
| 0.7 | Mapa da Anatólia durante a idade do ferro . . . . .  | 6  |
| 1.1 | Silabário regular – Parte 1 . . . . .                | 11 |
| 1.2 | Silabário regular – Parte 2 . . . . .                | 12 |
| 1.3 | Fonogramas CVCV . . . . .                            | 12 |
| 1.4 | BABYLON 3 . . . . .                                  | 23 |
| 2.1 | HAMA 2 . . . . .                                     | 30 |



# Introdução

## 0.1 Descobrindo o luvita

*Luvita* denota um povo e uma língua e seus dialetos cuja existência, até o começo do século passado, estava perdida na história.<sup>1</sup> Quando no final do século XIX foram encontrados blocos de pedra no norte da Síria com inscrições em hieróglifos em alto relevo, os arqueólogos associaram esta nova língua e o povo que a escreveu com os *hititas*, um povo que até então era lembrado por passagens da bíblia hebraica e alguns documentos recentemente descobertos em assírio. Em 1906, as escavações realizadas em Boğazköy/Boğazkale sob direção de Hugo Winckler e Theodore Makridi revelaram a cidade de Hattusa, capital do que teria sido depois chamado de Império Hitita, e nela um grande arquivo de documentos em cuneiforme em uma língua até então desconhecida.<sup>2</sup> Apesar de em 1915-17, Bedřich Hrozný conseguiria ao mesmo tempo demonstrar que a língua nesses arquivos e em duas cartas previamente escavadas em Tell el-Amarna (Egito moderno) era uma língua indo-europeia e produzir um esboço gramatical dela, identificando-a como a língua dos hititas. Entre os textos em cuneiforme escavados em Boğazköy entre 1906 e 22 alguns revelaram dentro deles trechos que os autores das tabuletas avisam que devem ser lidos *luwili*, isto é “como luvita”.<sup>3</sup> Como alguns termos soltos ou incluídos em léxicos dessa língua aparecem marcados com um sinal cuneiforme, 𒂗, chamado pelo nome alemão *Glossenkeil*, sugeriu-se chamar essa língua também de *Glossenkeilsprache*.<sup>4</sup>

A língua dos hieróglifos das inscrições sírias, no entanto, permaneceu praticamente ilegível desde sua descoberta até a década de 30.<sup>5</sup> No começo da dé-

<sup>1</sup> Esta seção está baseada sobretudo em Hawkins (2000a), Melchert (2003b) e Hoffner Jr. e Melchert (2008).

<sup>2</sup> A decifração do cuneiforme nesta altura já estava bastante adiantada, tendo sido iniciada nos primeiros anos do século XIX e relativamente bem estabelecida dentro da primeira metade do século para o persa antigo, acadiano e elamita.

<sup>3</sup> Os códigos legais hititas contém provisões também de uma região, ainda hoje com localização disputada, chamada KUR *Lu-ú-i-ya*.

<sup>4</sup> Os textos em luvita cuneiforme estão editados em Starke (1985) e Yakubovich e Mouton (2023). Outra língua aparece, embora raramente, nos textos hititas precedida por 𒂗, o palaico. Os textos em palaico estão editados em Carruba (1970).

<sup>5</sup> Alguns sinais tinham sido corretamente interpretados por Sayce entre 1882 e 1884, a saber





Figura 0.1: Inscrição BOĞAZKÖY 21. Dentro do complexo das piscinas sagradas de Hattusa, contendo o nome de Suppiluliuma II. Imagens de [Hittite Monuments](#). Ver [CHLI 3](#) (p. 48ff.).



Figura 0.2: Selo de “Tarkondemos”. Digráfico com cuneiforme na circunferência e hieróglifos no centro. Atualmente o texto é interpretado como pertencente a um certo *Tarkas(sa)nawa*. Final do século XII AEC. Atualmente em Walters Art Gallery, Baltimore, no. 57.1512. Imagem e traçado de [CHLI 3](#) (p. 45f.; plate 32)

**Neo-hitita / Era do Ferro** Circa 1100-700 AEC, período posterior à dissolução do império hitita que, aparentemente, foi sucedido por diversas cidades-estado que mantiveram alguns aspectos culturais e políticos do antigo império. O corpus é composto sobretudo por inscrições, mas contém também selos, como Figura 0.3, e cartas, como Figura 0.4.



Figura 0.3: Bula de LİDAR. 5.4cm de diâmetro. Aproximadamente 1200 AEC. Atribuído a Kuzi-Tešub, rei de Carquemis. Atualmente no Şanlıurfa Arkeoloji Müzesi. Imagem e traçado de CHLI 1.2 (plate 328)

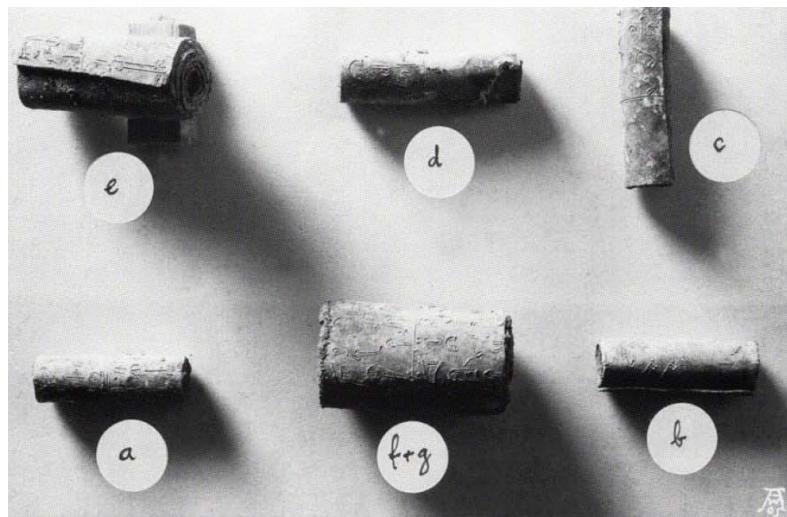


Figura 0.4: Cartas de Assur. Rolos de chumbo de aproximadamente 4cm de altura e diversas larguras contendo cartas de comerciantes. Escavados em Assur em 1905 pela Deutsche Orientgesellschaft. Originalmente alocados no Eski Şark Eserleri Müzesi, apenas os fragmentos e e f estão preservados e locados no Vorderasiatisches Museum, Berlin, no. VA 5819. Imagem de CHLI 1.2 (plate 306)

### 0.2.2 Localização

O mapa em [Figura 0.5](#) mostra a localização de descoberta de todos os documentos em luvita hieroglífico encontrados até hoje. É de se notar que os documentos do período imperial hitita, em laranja no mapa, estão muito mais espalhados geograficamente do que os documentos do período neo-hitita, em verde, que se concentram sobretudo no sudeste da Anatólia e noroeste da atual Síria.

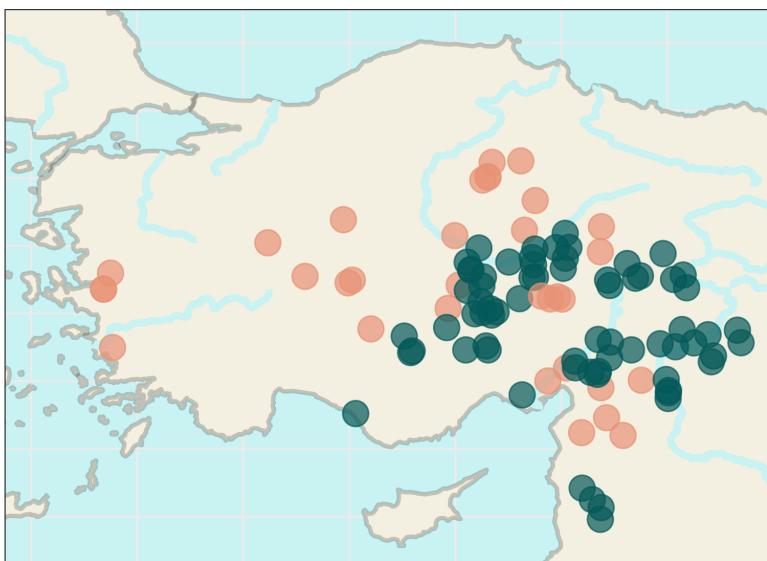


Figura 0.5: Mapa contendo a localização das inscrições monumentais em luvita hieroglífico. Os pontos laranjas representam inscrições do período imperial enquanto os verdes, inscrições do período neo-hitita.

**Locais de interesse na idade do bronze** As principais regiões que se assume terem sido ocupadas por falantes de luvita durante a idade do bronze são Kizzuwatna, Tarhuntassa, Arzawa, Wilusa e, possivelmente, Mira. Todas essas regiões estão em volta do centro do poder hitita em Hatti, como se pode ver no mapa em [Figura 0.6](#).

**Locais de interesse na idade do ferro** As principais regiões que se assume terem sido ocupadas por falantes de luvita durante a idade do ferro são a Cilícia, Que e Gurgum. Os sítios de Karatepe, Carquemis, Hama e Maraş estão entre os mais importantes. Todas essas regiões estão entre o sudeste da atual Turquia e noroeste da Síria, como se pode ver no mapa em [Figura 0.7](#).

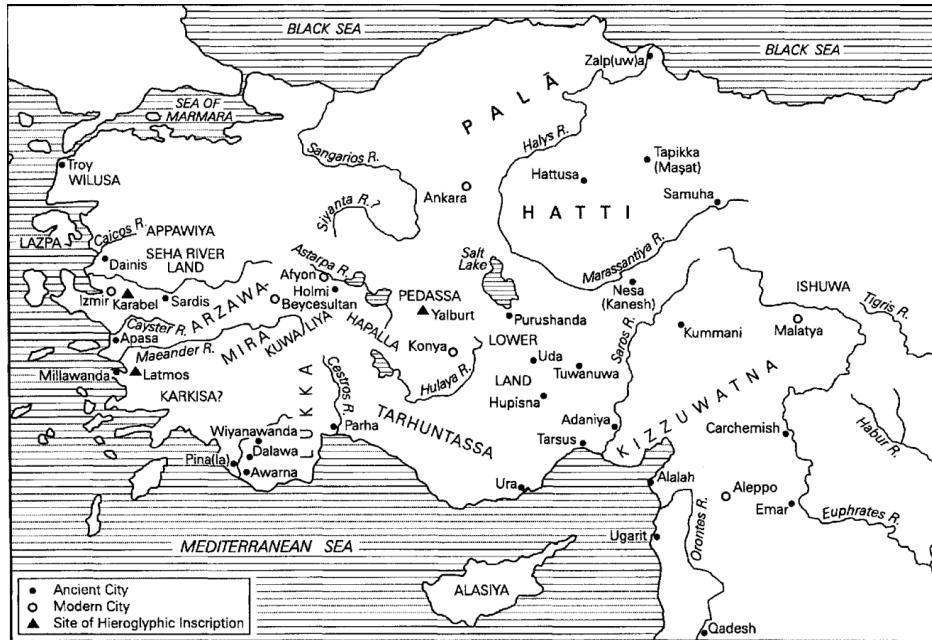


Figura 0.6: Mapa da Anatólia durante a idade do bronze. Melchert (2003b, p. 37).

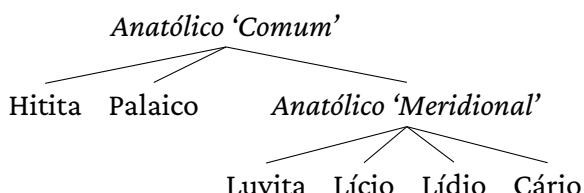


Figura 0.7: Mapa da Anatólia durante a idade do ferro. Melchert (2003b, p. 94).

## 0.3 Parentesco linguístico

O luvita é uma língua indo-europeia pertencente ao ramo anatólico. O proto-indo-europeu (PIE) é uma língua hipotética reconstruída a partir da comparação entre línguas geneologicamente ligadas umas a outras utilizando o método linguístico histórico comparativo. As línguas mais importantes utilizadas para sua reconstrução desde o início do século XIX foram o sânscrito e o grego, em primeiro lugar, o latim, as línguas germânicas e as balto-eslavicas, secundariamente, e as célticas, o armênio e albanês, com menor frequência. Com as evidências oferecidas por Bedřich Hrozný para a hipótese de que o hitita seria uma língua indo-europeia, iniciou-se um processo de revisão do que seria o proto-indo-europeu e qual sua relação com essa recém descoberta língua. Desde cedo ficou claro que o hitita representava um destacamento bastante antigo da língua indo-europeia que havia gerado os demais ramos.<sup>9</sup> Com a decifração de línguas como o luvita, cário, palaico, lídio e lício chegou-se à conclusão de que todas elas formam junto do hitita um ramo linguístico dentro do indo-europeu, comumente chamado de ramo *anatólico*.<sup>10</sup>

Dentro das anatólicas, uma divisão conservadora das línguas seria a proposta por Rieken (2017, p. 305–6): 1. do Anatólico ‘Comum’ o hitita e palaico teriam se separado inicialmente; 2. as demais línguas, i.e. o luvita, lício, lídio e cário seriam provenientes de um dialeto anatólico do Sul, um “anatólico meridional”, ou, em árvore genealógica:<sup>11</sup>

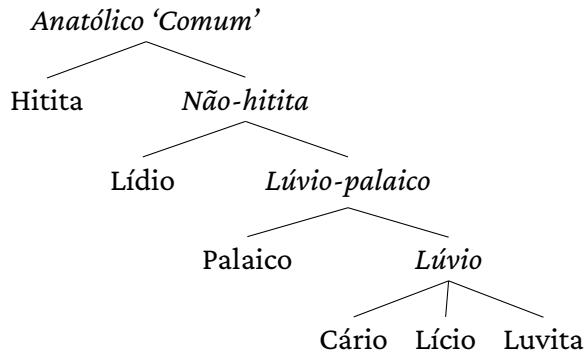


O modelo mais comumente aceito, no entanto, é o de Oettinger (1978, p. 92) e seguido por Yakubovich (2010, p. 6), que utiliza as seguintes isoglossas para a divisão: 1. substituição da desinência de primeira pessoa singular presente ativa indo-europeia \*-mi por -wi em todas as línguas menos hitita; 2. generalização da forma de primeira pessoa singular pretérita -ha salvo em lídio; 3. plural em formas derivadas em \*-nsi no lugar de \*-es em cário, lício e luvita. Esquematicamente:

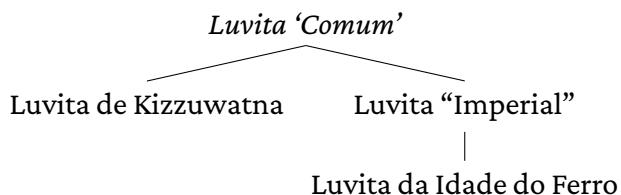
<sup>9</sup> Pelo menos desde Sturtevant (1933).

<sup>10</sup> Não cabe aqui a discussão se a separação do anatólico do resto do indo-europeu o torna um ramo “de primeira classe”, pertencendo assim não ao indo-europeu, mas a uma língua que poderia ser chamada de indo-hitita / indo-anatólico, detalhes sobre essa discussão podem ser encontrados em Ringue (2017).

<sup>11</sup> Nestas e nas próximas árvores, os nósulos em itálico representarão estágios linguísticos não atestados, mas supostamente reconstruídos.



Por fim, embora seja comum dizer que o luvita registrado em cuneiforme e o luvita registrado em hieróglifos correspondem a dialetos distintos, [Yakubovich \(2010\)](#) apresenta evidências de que os documentos cuneiformes luvitas representam dois dialetos contemporâneos associados a regiões geográficas distintas: o dialeto de Kizzuwatna (sudeste da atual Turquia) e o dialeto “Imperial”, associado às regiões centrais do império hitita. Por sua vez, os textos em hieróglifos registrariam um dialeto sucessor do dialeto “Imperial”, que o autor chama de “luvita da idade do ferro”. As principais isoglossas utilizadas para defender essa organização são: 1. os textos associados a Kizzuwatna não registram formas de genitivo, mas sim de adjetivos possessivos em *-assa-*; 2. também nos textos de Kizzuwatna, o morfema de imperfectivo *-zza* é substituído pelo morfema *-ssa*. 3. os demais textos cuneiformes apresentam uma tendência a substituir o acusativo plural *comum -anza* pela forma nominativa *-anzi*, os textos hieroglíficos jamais diferenciam nominativo de acusativo plural. 4. os clíticos *=pa* e *=tar* parecem ter desaparecido nos textos hieroglíficos.



## 0.4 Recomendações bibliográficas

Detalhes sobre a descoberta, publicação e decifração dos hieróglifos luvitas podem ser encontrados em [Hawkins \(2003, pp. 131ff.\)](#). Para uma descrição ainda mais detalhada, recomenda-se [Hawkins \(2000a, pp. 6-17\)](#). O compêndio de [Melchert \(2003b\)](#) oferece detalhes e bibliografia para todos os aspectos da história, geografia e língua luvita. Sobre a história do oriente próximo, incluindo os hititas, luvitas e sua relações com outros povos da região, recomenda-se [Mieroop \(2016\)](#), sobretudo as seções 6.3, 8.2 e 11.1. Informações detalhadas sobre as línguas anatólicas podem ser encontradas em [Klein, Joseph e Fritz \(2017, p. 239–308\)](#) e, sobre a dialetologia do luvita, ver [Yakubovich \(2010\)](#).

# 1 Sistema de escrita, fonologia e flexão nominal

## 1.1 Sistema de escrita

Os hieróglifos anatólicos são um sistema de escrita autóctone da Anatolia utilizado, até onde se sabe, apenas para escrever textos em luvita. O sistema utiliza tanto *logogramas*, i.e. caracteres que denotam uma unidade semântica, quanto *fonogramas*, i.e. caracteres que denotam sons da língua. Há duas variedades principais dos hieróglifos, os de baixo relevo, produzidos com incisões no material de suporte, e os de alto relevo, produzidos desbastando a pedra em volta dos caracteres.<sup>1</sup> As inscrições do período imperial utilizam sinais levemente diferentes dos sinais das inscrições do período neo-hitita e seus escribas tendem a preferir o uso de logogramas em detrimento dos fonogramas.<sup>2</sup>

Parte dos hieróglifos pode ter interpretação tanto de logograma quanto de fonograma e, em alguns casos, a interpretação fonográfica surgiu por *rebus*, isto é, o logograma passou a ser utilizado para indicar parte do som da palavra originalmente denotada por ele, como em (1). Alguns sinais não estabilizaram uma leitura fonográfica quando da escrita das inscrições que nos chegaram e ainda, por vezes, são lidos como *rebus*, como em (2).

- (1) a. L.66 DARE = *pi(ya)*- ‘dar’ → /pi/
- b. L.509 (=L.329) CURRERE / = *hwi(ya)*- ‘correr’ → /hwi/
- (2) L.13 PRAE = *pari* / *paran* ‘em frente’ → /pa.ri/<sup>3</sup>

**Transliteração e transcrição** Por razões de comodidade, costuma-se transliterar o texto hieroglífico no alfabeto latino e então produzir a transcrição do que se supõe ter sido a forma “corrida” do texto luvita, ao menos no quanto nós somos capazes de reconstruir as formas linguísticas subjacentes.

<sup>1</sup> Neste documento, caracteres dos hieróglifos anatólicos serão tipografados utilizando a fonte *Noto Sans Anatolian Hieroglyphs*, que os representa, na maior parte dos casos, no estilo de baixo-relevo do período pós-imperial.

<sup>2</sup> Para detalhes do sistema de escrita, vide *CHLI 1.1* (pp. 6ff. e pp. 23ff.) e *CHLI 3* (pp. 354ff.).

<sup>3</sup> Como no nome próprio Parita, escrito PRAE-tá- = *Parita-* em QAL'AT EL MUDIQ, § 1.

A convenção de transliteração para o alfabeto latino consiste em:

1. Se o sinal não tem interpretação estabelecida ou a interpretação no contexto é incerta, incluir o número do logograma conforme em Laroche (1960), seja com um asterisco ou um *L.* antecedendo o número
2. Se o sinal tem valor logográfico ou *rebus*, escrever o valor semântico convencional em latim, seguindo Laroche (1960) e letras maiúsculas.<sup>4</sup>
3. Se um ou mais logogramas estão em função de *determinativo* (*vide sub*), eles são colocados entre parênteses.
4. Se o sinal tem valor fonográfico, utilizar letras minúsculas.
5. Sinais que pertencem à mesma palavra são separados por hifens.

A transcrição segue as seguintes convenções:

1. sinais sem interpretação estabelecida ou logogramas cuja forma linguística subjacente é desconhecida, permanecem transliterados;
2. sinais logográficos com interpretação fonológica conhecida são convertidos para a palavra que representam;
3. sinais interpretados como *rebus* são convertidos pro valor fonológico;
4. os hifens são excluídos e os sinais com valor fonológico são unidos.

Como a transcrição depende da interpretação das formas linguísticas subjacentes, a conversão não é de um para um e depende de nossas suposições sobre a língua. Com frequência, diferentes autores produzem diferentes transcrições para uma mesma sequência de sinais e, quando em dúvida entre duas formas possíveis, incluem parênteses nos pontos incertos.

### 1.1.1 Fonogramas

Os fonogramas dos hieróglifos anatólicos representam unidades de sílabas, esses sinais também são chamados de silabogramas. Em sua maioria, eles representam sequências de V e CV, com alguns poucos representando a sequência CVCV, mas apenas quando a segunda sequência de *consoante-vogal* representa a sílaba *ra/ri*. O silabário “regular” para o período das cidades-estado neo-hititas está representado em [Figura 1.1](#) e [Figura 1.2](#) e os sinais para séries CVCV estão em [Figura 1.3](#).

**Fonogramas múltiplos** Sons que podem ser representadas por mais de um sinal recebem na transliteração sinais adicionais. Utilizando por exemplo o som /a/, a forma mais comum será transliterada <a>, a segunda mais comum pelo acento agudo <á> (=a<sub>2</sub>), a terceira pelo acento grave <à> (=a<sub>3</sub>) e as demais por números subscritos, como <a<sub>5</sub>>. Formas que podem ter diversas vogais são grafadas com as opções de vogal separadas por uma barra, </>.

---

<sup>4</sup> Por vezes, sinais que denotam topônimos não são latinizados e grafados em itálico.



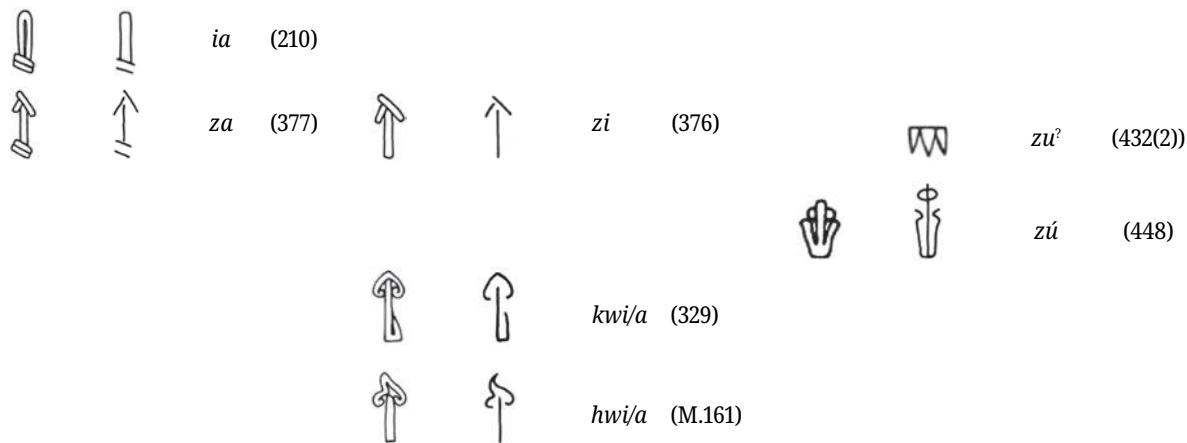


Figura 1.2: Silabário regular (CHLI 3, p. 421) – Parte 2

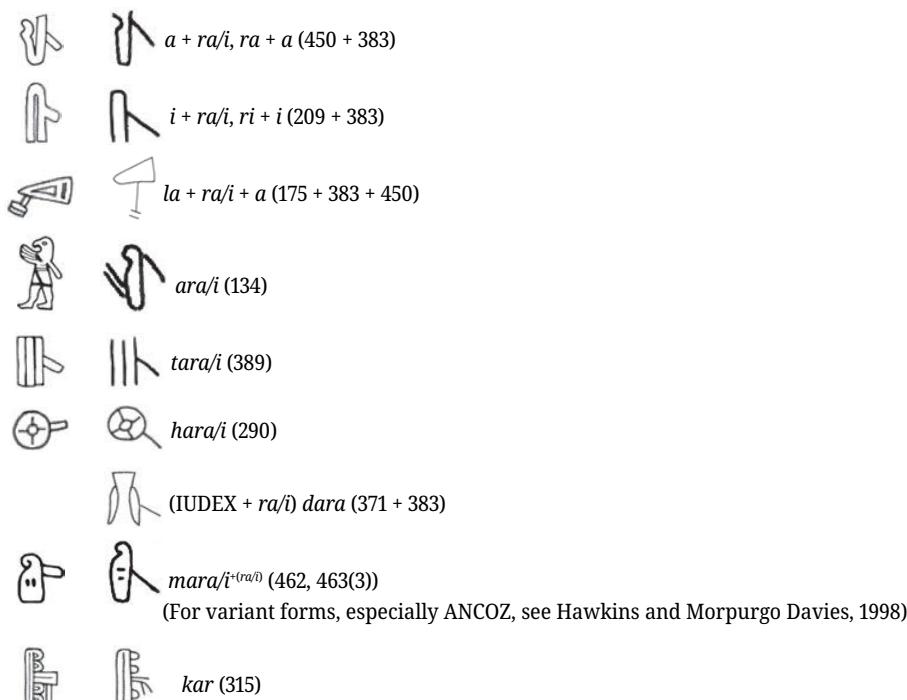


Figura 1.3: Fonogramas CVCV (CHLI 3, p. 422)

**Consoantes isoladas** Com esse sistema que sempre representa sequências (C)V, é impossível representar encontros consonantais e consoantes finais. Via de regra, o costume dos escribas era de grafar uma consoante qualquer X com o fonograma utilizado para grafar a sílaba /Xa/. Em português, isso tornaria as palavras *barco* e *barraco* idênticas na grafia, <ba-ra-co>, exigindo que o falante recuperasse pelo contexto e conhecimento da língua qual a forma fonológica ali representada.<sup>5</sup> Assim, para escrever *hamsukalas* “bisneto”, um escriba de MARAŞ 1 escreveu:

- (3) ... ♂ ֎ △ ֎ ֎ ֎  
... ha ma su ka la sá  
... *hamsukalas* (MARAŞ 1, §1d)

Aqui, os grafemas <ma> e <sá> devem ser interpretados como as suas respectivas consoantes puras /m/ e /s/.

**L.382 ֎ ra/i** O silabograma para /ra/ ou /ri/ age de maneira distinta dos demais por ser uma espécie de grafema *enclítico*, ou seja, ele não pode aparecer por conta própria e sempre ocorre ‘apoiado’ em outro fonograma. Para representar uma sílaba final /ra/ ou /ri/, ele é representado apoiado em um <a> ou <i>:

- (4) a. ֎ = *a+ra/i*  
b. ֎ = *i+ra/i*.

### 1.1.2 Logogramas

Os logogramas dos hieróglifos anatólicos representam unidades de semânticas como palavras ou conceitos que, às vezes, podem ser interpretados pelo desenho que representam, como em (5). As palavras em luvita subjacentes aos logogramas só nos são conhecidas por ocasiões em que o escriba, além de utilizar o logograma, escreve também a palavra com os silabogramas da forma, como é o caso em (6).

- (5) OVIS  
‘ovelha’ (EMİRGAZİ 1, §§19)
- (6) ♂ ֎ Ὣ OVIS ha wa/i  
*hawa*  
‘ovelha’ (KULULU 1.s. 2, §§1.2–11, etc.)

<sup>5</sup> Consoantes geminadas não são representadas nos hieróglifos anatólicos.

**Forma linguística subjacente desconhecida** No entanto, não é sempre que temos essa sorte e todas as atestações de um logograma que nos chegaram o fizeram sem os complementos fonológicos, como em (7). Nesse caso, sabendo que o sinal L.104 CAPRA é utilizado também para grafar a sílaba /sa/, tanto na forma mais pictórica como na forma simplificada e que em hitita a palavra para caprinos é *šaš(š)a*, podemos supor que a palavra subjacente ao logograma L.104 é *sasa-*. Comparações com o luvita cuneiforme e com línguas histórica e geograficamente próximas do luvita hieroglífico nos permitem elucidar as formas subjacentes que não nos chegaram grafadas, mas há casos em que é impossível alcançar qualquer suposição razoável ou satisfatória, como em (8).

- (7) /  
CAPRA  
*sasa?* (hit. *šaš(š)a*)  
'cabra'
- (8)   
ADORARE  
???  
'rezar?' (HİSARCIK 2, § 1)

**Logograma + silabogramas** Como mencionado acima e ilustrado por (6), por vezes um logograma é seguido da palavra subjacente escrita por completo. Essa prática é comum e frequente. Além disso, alguns logogramas são seguidos de silabogramas representando apenas partes da palavra subjacente. Por vezes, como em (9), apenas a desinência flexional da palavra é escrita (i.e., as marcas de caso, gênero e número para substantivos e as de número, pessoa, tempo e modo para verbos). Em outros casos, partes além da desinência são escritas com os silabogramas enquanto outras são deixadas sem representação, como em (10), em que a primeira sílaba de /tu.wa.ta/, /tu/, é representada pelo logograma, enquanto as demais sílabas são representadas com silabogramas.

- (9) PONERE ha  
*tuwaha*  
'(eu) coloquei' (HAMA 4, §§7)
- (10) PONERE wa/i ta  
*tuwata*  
'(ele) colocou' (BABYLON 3)

Nada exige que as sílabas que seguem um logograma sejam *contíguas* na palavra subjacente, por vezes apenas a primeira e última sílabas são representadas. A palavra para 'filho', no nominativo singular, é *nimuwizas*, como atestado pela

escrita plena (FILIUS)ni-mu-wa/i-za-sa, bastante frequente no corpus.<sup>6</sup> No entanto, em algumas inscrições, ela aparece grafada:

- (11)   
 FILIUS ni za sa  
*nimuwizas / nizas?*  
 ‘filho’ (HAMA 1–3, 6–7, §1)

É impossível decidir se a palavra subjacente nesse caso e em situações semelhantes é uma forma realmente abreviada na fala – que poderia muito bem ser uma forma coloquial – ou se se trata apenas de uma abreviação gráfica. Esses casos são, no entanto, raros.

**Logogramas com múltiplas leituras** Alguns logogramas servem para representar múltiplas palavras de um mesmo campo semântico. O logograma L.45 era utilizado para denotar palavras no campo semântico de ‘filho, criança, irmão’, sendo transliterada pelas palavras latinas FILIUS, INFANS e FRATER respectivamente. Nestes casos, é comum que a palavra siga escrita também em silabogramas, ao menos parcialmente:

- (12) a.   
 FILIUS ni mu wa/i za sa  
*nimuwizas*  
 ‘filho’ (KÖRKÜN, §1)
- b.   
 INFANS ni wa/i+ra/i ni (= INFANS.NI-wa/i+ra/i-ni-?)  
*niwarani?*  
 ‘criança (incapaz?)’ (MARAŞ 4, §14)
- c.   
 FRATER la i sa (= FRATER.LA-i-sa?)  
*lanis?* ( $\simeq$  luv.cun. *nani(ya)-?*, cf. hit. *negna-*)  
 ‘irmão’ (ALEPPO 2, §3)

Note-se que no caso de *niwarani* ‘criança’ e *lanis* ‘irmão’, não podemos estabelecer certeza da forma fonológica subjacente, posto que ou não temos esses termos registrados em luvita cuneiforme ou o luvita cuneiforme os registra com variações e a comparação com o hitita é inconclusiva.<sup>7</sup> O mesmo ocorre em diversos casos em que um logograma possui múltiplas leituras possíveis.”

<sup>6</sup> KÖRKÜN, §1; KARKAMIŠ A2+3, §1; TELL AHMAR 1, §13; EĞREK, §1; QAL‘AT EL MUDIQ, §1; HAMA 4, §1; HAMA 8, §1; HINES, §1; ŞIRZI, §1; KARKAMIŠ A11a, §1; TELL AHMAR 1, §§1, 19(-i).

<sup>7</sup> A interpretação das formas subjacentes ao logograma L.45 como INFANS e FRATER discutida em Hawkins (1980, p. 143–6) e Yakubovic (2010, p. 387).

### 1.1.3 Recomendações bibliográficas

O panorama geral do sistema de escrita está descrito em Hawkins (2003, p. 155ff.). Uma discussão detalhada e atualizada sobre todos os sinais conhecidos e com as evidências utilizadas para sua interpretação pode ser encontrada em CHLI 3 (pp. 354–488). Diversos artigos sobre sinais específicos são frequentemente publicados, sendo os mais importantes Hawkins, Morpurgo-Davies e Neumann (1974), Rieken (2008) e Rieken e Yakubovich (2010).

## 1.2 Fonologia

Utilizando apenas o silabário regular do luvita hieroglífico seríamos capazes de reconstruir o seguinte inventário de fonemas:

- Vogais: *a, i, u*
- Oclusivas: *p, t, k*
- Nasais: *m, n*
- Fricativas: *s, z, h*
- Outras: *r, l, w, y*

No entanto, esse inventário de fonemas não parece ser o inventário realmente utilizado pela língua.

### 1.2.1 Vogais

**Vogais longas** O cuneiforme utilizado para grafar o luvita cuneiforme é capaz de representar a oposição entre vogais longas e breves por meio da grafia *plena*, quando a vogal longa é representada pela adição do cuneiforme representando a vogal sem consoantes. Os escribas não se valem da escrita plena de maneira regular, mas alguns pares contrastivos, como (13), apontam para uma distinção fonêmica.

- (13) a. a- ad- du- wa- a- al  
*ādduwāl*  
 ‘mal’ (88 II 11, KBo XXIX 9 Ro 10\*)
- b. a- ad- du- wa- la  
*ādduwala*  
 ‘males’ (39 iii 26.)<sup>8</sup>

**Escrita do /a/ inicial** Por razões ainda desconhecidas, o /a/ em início de palavra com frequência aparece grafado no final da palavra, vide (14). Para deixar claro que este é o caso, pode-se transliterar um <a> inicial escrito em posição

<sup>8</sup> Exemplos tirados de Melchert (1993).













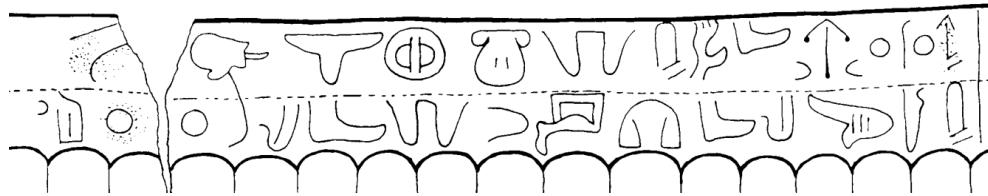
## 1.4 Leitura: BABYLON 3

Trata-se de um vaso em estado fragmentário (Figura 1.4) escavado por Koldewey na década de 20 onde se acredita ser a cidade de Babilônia, sítio arqueológico de Arpada, noroeste de Alepo, contendo uma inscrição no beiral em cursivas de baixo relevo, sentido sinistroverso, em duas linhas a serem lidas em conjunto (para cada coluna, lê-se o caractere na primeira linha, em seguida o da segunda linha e assim sucessivamente). A inscrição, embora escavada na Babilônia, provavelmente teria sido produzida em Alepo e lá dedicada ao deus do trovão Tarhunta da cidade, o que é indicado pelo epíteto 𒋩𒀭𒊏力气 TONITRUS.HALPA-pa-ni = *halpa(wa)ni* ‘halabeu’. Desde o período imperial, a combinação dos logogramas L.199+L.84 / 85 𒋩𒀭/ဘ TONITRUS+CRUS<sub>2</sub> / GENUFLECTERE via de regra denota a cidade de Halab.<sup>14</sup> A data de produção é incerta, mas deve cair entre o século IX e VIII AEC.



Figura 1.4: BABYLON 3. Diâmetro: 0.66m.; Profundidade (interna): 0.67m. Imagens produzidas e traçado feito por CHLI 1.2 (*plate 212*). Atualmente no Vorderasiatisches Museum, Berlin, no. VA Bab. 1507.

<sup>14</sup> Com L.84 CRUS<sub>2</sub> ဘ: ALEppo 5; NİŞANTEPE 2, no. 57; İMAMKULU. Com L.85 GENUFLECTERE ဘ: ALEppo 6; TELL AHMAR 5; KÖRKÜN; BABYLON 1; BABYLON 3; HAMA 1. Também nomes próprios de figuras associadas a Halab são grafados com essa combinação, como Halparuntiya em MARAŞ 1 TONITRUS.HALPA-pa-ru-ti(-i)-ia-.



- (17) za-ia-wa/i-a "SCALPRUM"-ka-ti-na CERVUS<sub>2</sub>-ti-ia-sa  
 TONITRUS.HALPA-pa-ni DEUS.TONITRUS-hu-ti PRAE-na  
 [PONERE]-wa/i-ta  
 zaya=wa katina Runtiyas halpawani Tarhunti paran tuwada
- (18) zaya=wa katina Runtiyas  
 DET.ACU.PL. vasilha.NEUT.ACU.PL. R.COM.NOM.SG.  
 halpawani Tarhunti paran tuwada  
 halabeu.COM.DAT.SG. T.COM.DAT.SG. PREP. colocar-3SG.  
 Estes vasos Runtiya dedicou ao Tarhunta halabeu.

### Vocabulário

|                              |                       |
|------------------------------|-----------------------|
| <i>halpawani-</i> (adj.)     | <i>Runtiya-</i> (NP)  |
| proveniente de Halpa         | Runtiya               |
| halabeu                      | <i>Tarhunta-</i> (TE) |
| <i>katina-</i> (subst.neut.) | Tarhunta              |
| vaso, vasilha                | <i>tuwa-</i> (v.t.)   |
| <i>paran</i> (prep.)         | colocar               |
| em frente a                  |                       |

## 2 Flexão verbal, partículas e enclíticos

### 2.1 Sistema verbal

#### 2.1.1 Flexão

Até onde temos atestação no *corpus*, as formas finitas do verbo luvita flexionam em: (a) voz: ativa e médio-passiva; (b) tempo: presente e pretérito; (c) modo: indicativo e imperativo. Além das formas finitas, também temos em luvita o infinitivo, o gerundivo, uma forma de substantivo verbal e participios na voz ativa e passiva.

**Desinências do indicativo** A tabela a seguir contém as desinências do indicativo.<sup>1</sup> As formas médias terminadas em *-si* talvez representem a adição de um pronome reflexivo *-si*, não atestada em nenhum outro contexto.

|      | Presente do indicativo<br>ativo | Presente do indicativo<br>médio-passivo | Pretérito do indicativo<br>ativo | Pretérito do indicativo<br>médio-passivo |
|------|---------------------------------|---|----------------------------------|--|
| 1sg. | <i>-wi</i>                      | ?                                       | <i>-ha</i>                       | <i>-hasi</i>                             |
| 2sg. | <i>-si</i> [-tis]               | <i>-ta</i>                              | ?                                |  |
| 3sg. | <i>-di/-ri, [-i, -ia]</i>       | <i>-adi/-ari</i>                        | <i>-da, -ta</i>                  | <i>-asi, -tasi</i>                       |
| 1pl. | ?                               | ?                                       | <i>-han(?)</i>                   | ?  |
| 2pl. | <i>-tani</i>                    | ?                                       | ?                                | ?  |
| 3pl. | <i>-nti</i>                     | ?                                       | <i>-nta</i>                      | <i>-antasi</i>                           |

As formas de 3sg.pres.atv. *-ri* e 2pl.pres.atv. *-rani* são rotacizadas. A forma 1pl.pres.atv. *-han* talvez seja uma forma singular, conforme proposto por Carubá (1984) contra Morpurgo-Davies (1980). Autores mais antigos interpretaram incorretamente a desinência gerundiva *-min(a)* como 1pl.pres.atv.

<sup>1</sup> Nas tabelas a seguir, as formas em colchetes são particularmente raras. As formas com ? não são atestadas.

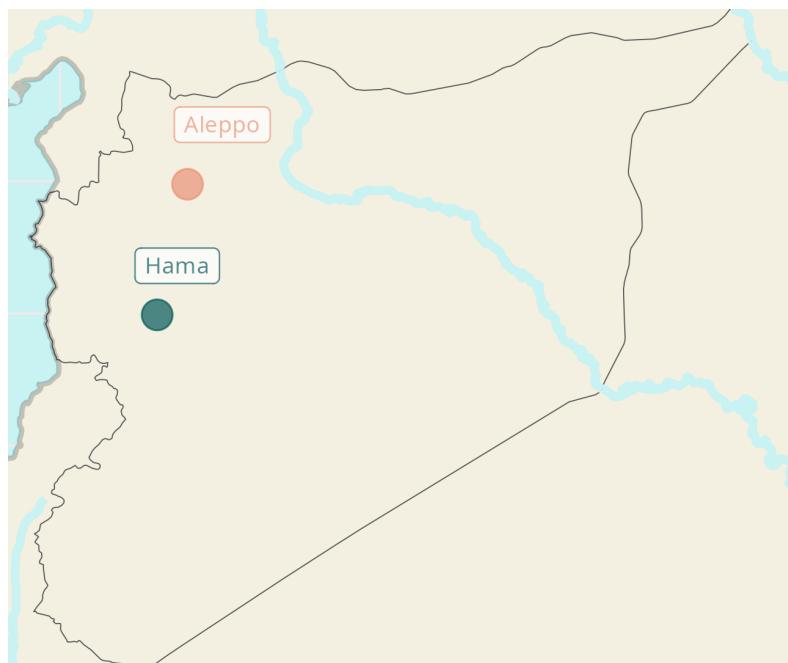








na batalha de Qarqar (853 AEC) por meio das inscrições do rei assírio Salmānu-ašarēd III (Salmanaser III).<sup>8</sup> Ao que tudo indica, as inscrições foram encontradas na região em que foram inicialmente produzidas e expostas, revelando a presença de cidades-estado neo-hititas muito mais ao sul do que o antigo império hitita da era do bronze.



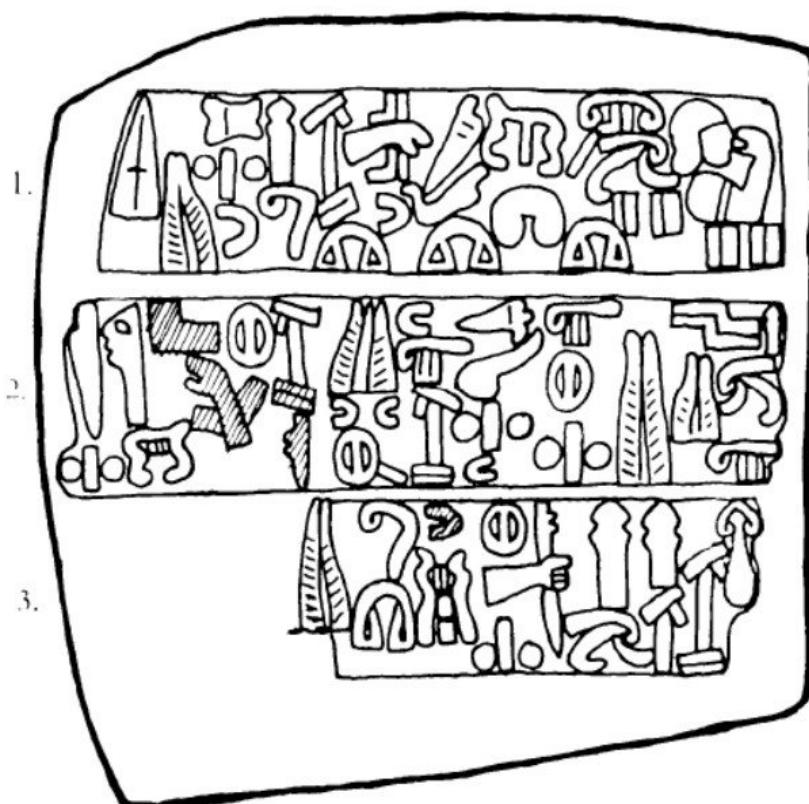
A inscrição HAMA 2 (Figura 2.1) está atualmente locada junto de HAMA 1 e 3 no Eski Şark Eserleri Müzesi, Istambul (no. 7890).



Figura 2.1: Inscrição HAMA 2. Dimensões da inscrição:  $0.36 \times 0.31\text{m}$ . Imagens de Bora Bilgin, 2006, disponíveis em [Hittite Monuments](#). Edição e traçado em [CHLI 1.1](#), pp. 411ff. e plates 221–2.

<sup>8</sup> Urhilina pela existência da forma assíria do nome, Irhuleni.

<sup>8</sup> Mais detalhes sobre Irhulani/Urhilina e Salmānu-ašarēd/Salmanaser III em [RLA](#), v. 05 p. 162.



1 ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ  
 2 ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ  
 3 ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ ဧ

- 
- 1 EGO-mi MAGNUS+ra/i-da-mi-sa u-ra/i-hi-li-na-sa FILIUS.NI-za-sa  
*i-ma-tú-wa/i-ni*(REGIO) REX  
 2 *a-wa/i á-mu AEDIFICARE+MI-ha za-'* ("CASTRUM") *hara/i-ni-sà-za*  
*la-ka-wa/i-ni-sà-ha-wa/i*(REGIO) FLUMEN.REGIO-da-i-sà  
 3 REL-za *i-zi-i-da a-tá-ha-wa/i ni-ki-ma-sa*(REGIO)
- 

- 1 *amu=mi Uradamis Urhilinas nimuwizas imatuwani hantawatis.*  
 2 *a=wa amu tamaha za harnisa=za, lakawanis hapadis*  
 3 *kwa=za izida, anta=ha=wa Nikimas.*
-

- 1    *amu       =mi     Uradamis       Urhilinas*  
      PRO.1SG. =REFL.. U.-COM.NOM.SG. U.-COM.GEN.SG.  
      *nimuwizas       imatuwani               hantawatis.*  
      filho-COM.NOM.SG. imatuano-COM.NOM.SG. rei-COM.NOM.SG.  
      Eu sou Uradamis, filho de Urhilinas, rei imatuano.
- 2    *a       =wa    amu       tamaha       za*  
      CONJ. =CLT. PRO.1SG. construir-1SG.PRET. PRO.NEUT.ACUSG.  
      *harnisa=za,*  
      fortaleza-NEUT.ACUSG.=CLT.  
      E eu (mesmo) construí esta fortaleza,  
||    *lakawanis       =ha       =wa      hapadis*  
      L.COM.NOM.SG. =CONJ. =CLT. fluvial-COM.NOM.SG.
- 3    *kwa=za               izida,*  
      REL.NEUT.ACUSG.=CLT. fazer-3SG.PRET.  
      a qual o povo de Laka fez,  
      *anda=ha=wa               Nikimas.*  
      dento=CONJ.=CLT. N.COM.NOM.SG.  
      E dentro [dela está] Nikima.

### Vocabulário

|                                |  |                               |
|--------------------------------|--|-------------------------------|
| <i>amu</i> (pron.1sg.)         |  | <i>izi(ya)-</i> (v.t.)        |
| eu                             |  | fazer, criar                  |
| <i>anda</i> (adv.)             |  | <i>lakawani-</i> (adj.)       |
| dentro                         |  | proveniente de Laka           |
| <i>halpa-</i> (TO)             |  | <i>nikima-</i> (TO)           |
| Halpa                          |  | Nikima                        |
| <i>halpawani-</i> (adj.)       |  | <i>nimuwiza-</i> (subst.com.) |
| proveniente de Halpa           |  | filho                         |
| halabeu                        |  | <i>tama-</i> (v.t.)           |
| <i>hantawati-</i> (subst.com.) |  | construir                     |
| rei                            |  | <i>Uradami-</i> (NP)          |
| <i>hapadi-</i> (adj.)          |  | Uradamis                      |
| fluvial                        |  | <i>Urhilina-</i> (NP)         |
| <i>harnisa-</i> (subst.neut.)  |  | Urhilina                      |
| fortaleza                      |  |                               |
| <i>imatuwani-</i> (adj.)       |  |                               |
| proveniente de Hama            |  |                               |
| imatuano                       |  |                               |



prearem o silabograma **¶** <ti>, que poderia representar tanto /ti/ quanto /di/. No resto do *corpus*, a forma é regularmente escrita com **¶** <ti>.<sup>11</sup>

**lakawanis... hapadis** ‘povo da terra fluvial de Laka’: sujeito da oração relativa iniciada na linha seguinte por *kwa(n)=za*. O motivo da prolepsé é incerto, mas pode-se argumentar que a troca de sujeito/tópico de Uradamis para o povo de Laka a tenha motivado.

**kwa(n)=za** ‘a qual’: o referente da relativa é *harnisa=za* [2].

**izida** ‘fez’: o contraste feito entre *amu tamaha* ‘eu (mesmo) construi’ e *lakawanis hapadis kwa(n)=za izida* ‘o povo da região fluvial de Laka que a fez’ é bastante marcado tanto pela presença do pronome pessoal quanto pela prolepsé do sujeito da oração relativa. O mesmo ocorre em todas as outras inscrições HAMA 1–3 e 6–7:

- HAMA 1: *hurpadawanis hapadis kwa=za izida* ‘a qual o povo da região fluvial de Hurpada fez’
- HAMA 3: *musanipawanis hapadis kwa=za izida* ‘a qual o povo da região fluvial de Musanipa fez’
- HAMA 6: *kusunalanzi kwa=za iziyanta* ‘a qual os kussunalitas fizeram’
- HAMA 7: MONS *labarnawanis hapadis kwa=za izida* ‘a qual o povo da região fluvial do monte Labarna fez’

**anda=ha=wa** ‘e dentro [está]’: as inscrições HAMA 1, 2 e 7 terminam com esta fórmula seguida de um topônimo. A fortaleza não poderia cobrir a extensão necessária para conter todos os territórios nomeados, de modo que se a interpretação for literal ‘dentro da fortaleza está X’, deve-se entender ‘dentro está parte da população de X’, talvez aquartelada para defender a fortaleza. Outra interpretação possível é que em 1, 2 e 7, estejam sendo adicionados outros povos à lista dos que fizeram, com o sentido ‘fortaleza a qual o povo Y fez, incluindo o povo de X’.

### Tradução

- [1] “Eu sou Uradamis, filho de Urhilina, rei imatuano.  
 [2] Eu mesmo construí esta fortaleza,  
 [3] (e) a qual o povo de Laka fez  
 [4] e dentro dela está Nikima.”

<sup>11</sup> Para uma interpretação contrária, ver Simon (2019), que propõe que o sinal L.41 possa ter também o vocalismo em /i/, assim <da/i>.

# Vocabulário

|                                |                         |
|--------------------------------|-------------------------|
| <b>amu</b> (pron.1sg.)         | proveniente de Kusuna   |
| eu                             |                         |
| <b>anda</b> (adv.)             |                         |
| dentro                         |                         |
| <b>halpa-</b> (TO)             |                         |
| Halpa                          |                         |
| <b>halpawani-</b> (adj.)       | proveniente de Halpa    |
| halabeu                        |                         |
| <b>hamayara-</b> (TO)          |                         |
| Hamayara                       |                         |
| <b>hamayarawani-</b> (adj.)    | proveniente de Hamayara |
|                                |                         |
| <b>hantawati-</b> (subst.com.) |                         |
| rei                            |                         |
| <b>hapadi-</b> (adj.)          |                         |
| fluvial                        |                         |
| <b>harnisa-</b> (subst.neut.)  |                         |
| fortaleza                      |                         |
| <b>hurpada-</b> (TO)           |                         |
| Hurpada                        |                         |
| <b>hurpadawani-</b> (adj.)     | proveniente de Hurpada  |
|                                |                         |
| <b>imatuwani-</b> (adj.)       | proveniente de Hama     |
| imatuano                       |                         |
| <b>izi(ya)-</b> (v.t.)         |                         |
| fazer, criar                   |                         |
| <b>katina-</b> (subst.neut.)   |                         |
| vaso, vasilha                  |                         |
| <b>kusunala-</b> (adj.)        |                         |



# Signário

## Lista de Logogramas

A seguir, listam-se os logogramas utilizados ao longo do curso em ordem do número HH, a partir de [Laroche \(1960\)](#) com as adequações do CHLI 3. Utiliza-se a abreviação TO para topônimos, A para antropônimos e TE para teônimos.

| HH  | Leitura             | Forma subjacente                |
|-----|---------------------|---------------------------------|
| 1   | EGO                 | <i>amu</i>                      |
| 14  | PRAE                | <i>pari, paran</i>              |
| 17  | REX                 | <i>hantawati-</i>               |
| 45  | FILIUS              | <i>nimuwiza-</i>                |
|     | INFANS              | <i>nirawani-</i>                |
|     | FRATER              | <i>lani-</i>                    |
| 65  | PONERE              | <i>tuwa-</i>                    |
| 85  | HALPA               | TO, Halpa (=Alepo)              |
|     | GENUFLECTERE        | Ver combinações                 |
| 102 | CERVUS <sub>2</sub> | <i>Runtiya-</i>                 |
| 199 | TONITRUS            | <i>Tarhunt(a)-</i>              |
| 212 | FLUMEN              | -                               |
| 228 | REGIO               | -                               |
| 231 | CASTRUM             | <i>harnisa</i>                  |
| 246 | AEDIFICARE          | <i>tama-</i>                    |
| 268 | SCALPRUM            | <i>katina-</i>                  |
| 329 | REL                 | <i>kwi-, kwa-, /kwa/, /kwi/</i> |
| 360 | DEUS                | <i>masani-</i>                  |
| 363 | MAGNUS              | <i>ura-</i>                     |

## **Lista de logogramas combinados**

| HH      | Unicode | Leitura        | Forma subjacente    |
|---------|---------|----------------|---------------------|
| 199+85  | 𒋩𒀭      | TONITRUS.HALPA | TO, Halpa (=Aleppo) |
| 360+199 | 𒀭𒋩      | DEUS.TONITRUS  | TE, Tarhunt(a)-     |

# Leituras extras

## HAMA 1

- 1 ፩፪ ፳፲፫፪ ፳፬፯ ፭፮ ፭፻፬፪ ፭፻፬፪ ፭፻፬፪ ፭፻፬፪ ፭፻፬፪  
2 [፭፺ ፭፸ ፭፴ ፭፹] ፭፻፪ ፭፻፪ ፭፻፪ ፭፻፪ ፭፻፪ ፭፻፪  
3 ፭፻፪ ፭፻፪ ፭፻፪ ፭፻፪ ፭፻፪ ፭፻፪

- 
- 1 EGO-mi MAGNUS+ra/i-da-mi-sa u-ra/i-hi-li-na-sa FILIUS.NI-za-sa  
[i-ma-tú-wa/i-ni(REGIO) REX]  
2 [a-wa/i á-mu AEDIFICARE+MI-ha za-'] (“CASTRUM”)hara/i-ni-sà-za  
hu+ra/i-pa-da-wa/i-ni-sa(REGIO) FLUMEN.REGIO-da-i-sa  
3 REL-za i-zi-i-da a-tá-ha-wa/i TONITRUS.HALPA-pa-wa/i-ni-zi(REGIO)
- 

- 1 amu=mi Uradamis Urhilinas nimuwizas [imatuwani hantawatis.]  
2 [a=wa amu tamaha za] harnisa=za, Hurpadawanis hapadis  
3 kwa=za izida, anta=ha=wa Halpawaninzi.
- 

## HAMA 3

- 1 ፩፪ ፳፲፫፪ ፳፬፯ ፭፮ ፭፻፬፪ ፭፻፬፪ ፭፻፬፪ ፭፻፬፪ ፭፻፬፪  
2 ፭፸ ፭፹ ፭፴ ፭፹ ፭፻፪ ፭፻፪ ፭፻፪ ፭፻፪ ፭፻፪  
3 ፭፻፪ ፭፻፪

- 
- 1 EGO-mi MAGNUS-ra-da-mi-sa u-ra-hi-li-na-sa FILIUS.NI-za-sa  
i-ma-tú-wa/i-ni(REGIO) REX a-wa/i  
2 á-mu AEDIFICARE+MI-ha za-’ (“CASTRUM”)hara/i-ni-sà-za  
mu-sa-ni-pa-wa-ni-sà(REGIO) FLUMEN.REGIO-sà REL-za i-zi-i-da
- 

- 1 amu=mi Uradamis Urhilinas nimuwizas imatuwani hantawatis. a=wa  
2 amu tamaha za harnisa=za, Musanipawanis hapadis kwa=za izida
-

**HAMA 6**

1    2

- 
- 1      EGO-*mi* MAGNUS-*ra-da-mi-sa u-ra-hi-li-na-sa* FILIUS.*NI-za-sa i-ma-tú-wa/i-ni*(REGIO) REX *a-wa/i*
  - 2      á-*mu* AEDIFICARE+*MI-ha za-*' (“CASTRUM”) *hara/i-ni-sà-za*  
("“\*218”) *ku-su-na-la-zi*(REGIO) REL-*za i-zí-ia-ta*
- 

- 1      *amu=mi Uradamis Urhilinas nimuwizas imatuwani hantawatis.*
  - 2      *a=wam tamaha za harnisa=za, Kusunalanzi kwa=za iziyanta.*
- 

**HAMA 7**

1    2

- 
- 1      EGO-*mi* MAGNUS-*ra-da-mi-sa u-ra-hi-li-na-sa* FILIUS.*NI-za-sa i-ma-tú-wa/i-ni*(REGIO) REX *a-wa/i* á-*mu* AEDIFICARE+*MI-ha za-*' “CASTRUM” *hara/i-ni-sà-za* “MONS”.*la-pa+r/i-na-wa/i-ni-sa* FLUMEN.REGIO-*da-i-sà* REL-*za i-zí-i-da tú-ha-ia-ta-sa-ha*(REGIO)
  - 2      *antu=ha-wa/i ha-ma-ia+r/i-sa*(REGIO)
- 

- 1      *amu=mi Uradamis Urhilinas nimuwizas imatuwani hantawatis. a=wam tamaha*
  - 2      *za harnisa=za, Labarnawonis hapadis kwa=za izita, Tuhayatas=ha*
  - 3      *antu=ha-wa Hamayaras.*
- 

**Vocabulário**

|                             |                             |
|-----------------------------|-----------------------------|
| <b>hamayarawani-</b> (adj.) | <b>labarnawani-</b> (adj.)  |
| proveniente de Hamayara     | proveniente de Labarna      |
| <b>hurpadawani-</b> (adj.)  | <b>musanipawani-</b> (adj.) |
| proveniente de Hurpada      | proveniente de Musanipa     |
| <b>kusunala-</b> (adj.)     | <b>tuhayata-</b> (TO)       |
| proveniente de Kusuna       | Tuhayata                    |

# Referências

- AGBAYANI, B.; GOLSTON, C. Clitic order in Hittite. In: PROCEEDINGS of the 23rd Annual UCLA Indo-European Conference. Bremen, 2012. P. 1–15.
- BURTON, R. F.; DRAKE, C. F. T. *Unexplored Syria. Visits to the Libanus, the Tulūl el Safá, the Anti-Libanus, the northern Libanus and the 'Aláh*. London: Tinsley Brothers, 1872. v. 1.
- CARRUBA, O. *Das Palaische: Texte, Grammatik, Lexikon*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1970. (StuBoT, 10).
- CARRUBA, O. Nasalization im Anatolischen. *Studi Micenei ed Egeo-Anatolici*, v. 24, p. 57–69, 1984.
- GARRET, A. Ergative case assignment, Wackernagel's Law, and the VP base hypothesis. In: PROCEEDINGS of the North East Linguistics Society. 1989. v. 19, p. 113–126.
- GARRET, A. *The Syntax of the Anatolian pronominal clitics*. 1990. Tese (Doutorado) – Harvard University, Cambridge, MA.
- GOLDSTEIN, D. Wackernagel's Law I. In: *Encyclopedia of Ancient Greek Language and Linguistics. Volume 3*. Edição: Georgios K. Giannakis. Leiden: Brill, 2014. P. 508–513. DOI: [10.1163/2214-448X\\_eagll\\_COM\\_00000375](https://doi.org/10.1163/2214-448X_eagll_COM_00000375).
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 1: Text. Introduction, Karatepe, Karkamış, Tell Ahmar, Maraş, Malatya, Commagene*. Berlin: De Gruyter, 2000a.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 2: Text. Amuq, Aleppo, Hama, Tabal, Assur Letters, Miscellaneous, Seals, Indices*. Berlin: De Gruyter, 2000b.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 3: Plates*. Berlin: De Gruyter, 2000c.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume III: Inscriptions of the Hittite Empire and New Inscriptions of the Iron Age*. Berlin: De Gruyter, 2024.
- HAWKINS, J. D. Scripts and Texts. In: *The Luwians*. Edição: H. Craig Melchert. Leiden: Brill, 2003. P. 128–169.

- HAWKINS, J. D. The “Autobiography of Ariyahinas’s Son”: an Edition of the Hieroglyphic Luwian Stelae Tell Ahmar 1 and Aleppo 2. *Anatolian Studies*, v. 30, p. 139–156, 1980.
- HAWKINS, J. D.; ÇAMBEL, H. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume II: Karatepe-Aslantaş The Inscriptions: Facsimile Edition*. Berlin: De Gruyter, 1999.
- HAWKINS, J. D.; MORPURGO-DAVIES, A.; NEUMANN, G. *Hittite Hieroglyphs and Luwian: New Evidence for the Connection*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1974. (Nachrichten der Akademie der Wissenschaften in Göttingen, 6).
- HOFFNER JR., H. A. *The Laws of the Hittites: A Critical Edition*. Leiden: Brill, 1997. (Documenta et Monumenta Orientis Antiqui, XXIII).
- HOFFNER JR., H. A.; MELCHERT, H. C. *A Grammar of the Hittite Language*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2008. (Languages of The Ancient Near East).
- JOSEPHSON, F. *The function of the sentence particles in old and middle Hittite*. Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis, 1972. (Studia Indoeuropaea Upsaliensia).
- KLEIN, J.; JOSEPH, B.; FRITZ, M. (Ed.). *Handbook of Comparative and Historical Linguistics 41.1*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2017. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, 41).
- LAROCHE, E. *Les hiéroglyphes hittites*. Paris, 1960.
- MELCHERT, H. C. *Anatolian Historical Phonology*. Leiden: Brill, 1994. (Leiden Studien in Indo-European, 3).
- MELCHERT, H. C. *Cuneiform Luvian Lexicon*. Chapel Hill, N.C., 1993. (Lexica Anatolica, 2).
- MELCHERT, H. C. Language. In: *The Luwians*. Edição: H. Craig Melchert. Leiden: Brill, 2003a. P. 170–210.
- MELCHERT, H. C. (Ed.). *The Luwians*. Leiden: Brill, 2003b.
- MIEROOP, M. V. DE. *A History of the Ancient Near East ca. 3000-323BC*. 3. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2016. (Blackwell History of the Ancient World).
- MORPURGO-DAVIES, A. Dentals, Rhotacism and Verbal Endings in the Luwian Languages. *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, Vandenhoeck & Ruprecht, v. 96, n. 2, p. 245–270, 1982. Acesso em: 24 jun. 2024.
- MORPURGO-DAVIES, A. The personal endings of the Hieroglyphic Luwian verb. *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, Vandenhoeck & Ruprecht, v. 94, n. 1/2, p. 86–108, 1980.
- OBRADOR-CURSACH, B. *The Phrygian Language*. Leiden: Brill, 2020.

- OETTINGER, N. Die Gliederung des anatolischen Sprachgebietes. *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, v. 1/2, n. 92, p. 74–92, 1978.
- ORESHKO, R. In Search of the Holy Cube Roots: Kubaba — Kubeleya — Κύβερνος — Kufaws and the Problem of Ethnocultural Contact in Early Iron Age Anatolia. In: *Linguistic and Cultural Interactions between Greece and Anatolia: In Search of the Golden Fleece*. Edição: Michele Bianconi. Leiden: Brill, 2021. P. 131–166. (Culture and History of Ancient Near East, 122).
- RIEKEN, E. Die Zeichen <ta>, <tá> und <tà> in den hieroglyphen-luwischen Inschriften der Nachgroßreichszeit. *Studi Micenei ed Egeo-Anatolici*, v. 50, 2008.
- RIEKEN, E. The dialectology of Anatolian. In: *Handbook of Comparative and Historical Linguistics 41.1*. Edição: Jared Klein, Brain Joseph e Matthias Fritz. Berlin: De Gruyter Mouton, 2017. P. 298–308. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, 41).
- RIEKEN, E.; YAKUBOVICH, I. The new values of luwian signs L 319 and L 172. In: *ipamati kistamati pari tumatimis: Luwian and Hittite studies presented to J. David Hawkins on the occasion of his 70th birthday*. Edição: Itamar Singer. Tel Aviv: Emery e Claire Yass Publications in Archeology, 2010. P. 199–219.
- RINGUE, D. Indo-European dialectology. In: *Handbook of Comparative and Historical Linguistics 41.1*. Edição: Jared Klein, Brain Joseph e Matthias Fritz. Berlin: De Gruyter Mouton, 2017. P. 62–75. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, 41).
- SIMON, Z. Zum Vokalismus des hieroglyphen-luwischen Zeichens tà (\*41). In: *QAZZU warrai. Anatolian and Indo-European Studies in Honor of Kazuhiko Yoshida*. Edição: Adam Alvah Catt, Ronald I. Kim e Brent Vine. Ann Arbor: Beech Stave Press, 2019. P. 324–333.
- STARKE, F. *Die keilschrift-luwischen Texte in Umschrift*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1985. (StuBoT, 30).
- STURTEVANT, E. *A comparative grammar of the Hittite language*. Philadelphia: Linguistic Society of America, 1933.
- VERTEGAAL, A. *Voices in Stone: Studies in Luwian Historical Phonology*. 2020. Tese (Doutorado) – Netherlands Graduate School of Linguistics, Amsterdam.
- WAAL, W. Including a Discussion of the Hieroglyphic Luwian Lexemes hatura-, api and (\*205)atun(i)-. *Zeitschrift für Assyriologie und vorderasiatische Archäologie*, v. 111, n. 2, p. 263–281, 2021. DOI: [doi:10.1515/za-2021-2006](https://doi.org/10.1515/za-2021-2006).
- WEIDNER, E. F. (Ed.). *Reallexikon der Assyriologie*. Berlin; [München], 2019. (Reallexikon der Assyriologie und vorderasiatischen Archäologie). Disponível em: <<https://publikationen.badw.de/en/rla>>.

- YAKUBOVIC, I. The West Semitic God El in Anatolian Hieroglyphic Transmission. In: *Pax Hethitica: Studies on the Hittites and their Neighbours in Honour of Itamar Singer*. Edição: Yoran Cohen, Amir Gilan e Jered L. Miller. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2010. P. 385–398. (StuBoT, 51).
- YAKUBOVICH, I. *Sociolinguistics of the Luwian Language*. Leiden: Brill, 2010.
- YAKUBOVICH, I.; MOUTON, A. *Luwili: Hittite-Luwian Ritual Texts Attributed to Puriyanni, Kuwattalla and Šilalluhi (CTH 758–763)*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 2023. (StuBoT, 10).



Esse documento foi diagramado usando o sistema  
[LuaTeX](#) mantido por Manuel Pégourié-Gonnard.  
Todos os *softwares* utilizados na diagramação deste  
documento são gratuitos e *open source*.

12 de agosto de 2024.